

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Robson Luiz Maximo Junior

**O RAP COMO PERSPECTIVA SOCIAL: A VISÃO APRESENTADA POR QUEM ESTÁ DO
OUTRO LADO DA SOCIEDADE**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Célia da Graça Arribas

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ROBSON LUIZ MAXIMO JUNIOR**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201772122A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: O RAP COMO PERSPECTIVA SOCIAL: A VISÃO APRESENTADA POR QUEM ESTÁ DO OUTRO LADO DA SOCIEDADE, desenvolvido durante o período de 27 DE JUNHO a 25 DE NOVEMBRO sob a orientação de CÉLIA DA GRAÇA ARRIBAS, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Robson Luiz Maximo Junior

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

O RAP COMO PERSPECTIVA SOCIAL: A VISÃO APRESENTADA POR QUEM ESTÁ DO OUTRO LADO DA SOCIEDADE.

Robson Luiz Maximo Junior¹

RESUMO

Este artigo pretende elaborar uma breve análise sobre questões que envolvem o corpo negro e suas peculiaridades dentro da sociedade brasileira, demonstrando desde características que compuseram a formação social do país, como a escravidão, até a questão da inferiorização da comunidade negra dentro do território, o que acarretou em diversos problemas de segurança e saúde públicas, e inúmeras desigualdades sociais e econômicas. Como base de pesquisa, serão utilizadas informações bibliográficas e aspectos plurais de cunho social, com o foco voltado para o movimento artístico e musical Rap por meio do qual se pretende discutir e refletir sobre essas questões.

PALAVRAS-CHAVE:

Sociedade, Racismo, Escravidão, Rap, Masculinidades

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende abordar o movimento artístico Rap tentando analisar a forma como os(as) artistas que o integram se expressam através de suas letras. A partir das escritas, o objetivo será o de compreender e demonstrar como se comportam e como essas pessoas se veem e interagem com a sociedade na qual estão inseridas, tendo em vista que o Rap surgiu como uma forma de protesto devido à grande vulnerabilidade social que os componentes, predominantemente negros, costumam estar inseridos. Com esses pontos colocados, a análise dará enfoque nas questões sociais desse grupo, tentando demonstrar como se dão as relações, sejam elas de hierarquia ou afetivas, e qual é a consequência que esse processo de relacionamento tem para suas respectivas vidas, como sua saúde mental, capacidade de demonstrar sentimentos, o uso maior da violência, o alto índice de suicídio, entre outros diversos fatores. Para a composição do trabalho, serão utilizadas algumas obras literárias e também será feita a análise de algumas músicas que fazem parte do cenário do rap no Brasil.

2. DESENVOLVIMENTO

Trazendo o rap como base de estudo, é interessante colocar como se deu o surgimento deste estilo musical que, atualmente, ganhou muitos(as) adeptos(as) e se tornou mundialmente conhecido. O rap, sigla norte-americana que significa “ritmo e poesia”, se desenvolveu primeiramente na Jamaica em meados dos anos 1960 e posteriormente foi levado para os EUA, local no qual, por volta da década de 1970, se popularizou e nos guetos de Nova York foi moldado da forma como o conhecemos, com Dj’s e mc’s. Foi no final dos anos 1970 que o ritmo começou a se popularizar para além dos EUA, com o grupo denominado “Grandmaster flash and the Furious five”, originários do Bronx, em Nova York, e foi com a música “The message”, que o grupo conseguiu notoriedade. Essa canção trazia em sua composição um forte teor de protesto, devido à condição em que se encontrava a região sul do Bronx neste período.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: Robinhomaximof73@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Célia da Graça Arribas.

No Brasil, o ritmo se popularizou na década de 1980, mais precisamente no ano de 1986 com Thayde e Dj Hum e posteriormente alguns outros grupos, como o Racionais mc's, grupo de maior destaque dentro do cenário do Rap nacional. O grupo em questão tinha em suas letras, assim como seus precursores norte-americanos, um alto teor de protesto, demonstrando uma "nova forma de se fazer política", que tinha surgido com o rap. Na música "Negro Drama" o grupo aborda diversas pautas sociais e até mesmo de vivência dentro da região sul da cidade de São Paulo. Nessa letra, Edi Rock traça linhas iniciais durante a melodia, que começam a apresentar a forma de pensamento e de vivência da população negra periférica:

Negro drama! Eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto f*
O drama da cadeia e favela,
Túmulo, sangue, sirene, choros e velas.

Dá pra se observar que o país não oferece perspectiva de vida aos cidadãos negros, a não ser o de ser: "um preto fudido", que vê seu espaço de escolha reduzido à morte e à prisão, acontecimentos que são recorrentes entre os jovens negros com idades que variam entre os 15 e os 29 anos. Grupo social que além de ser o que está mais exposto à morte na juventude, principalmente por policiais, é a parcela que mais abandona os estudos, compondo 44,2% dos homens nessa faixa etária. Esses dados nos permitem questionar: qual é o motivo que leva principalmente a população negra, a fazer parte dessas "estatísticas"?

Já dizia Djonga:

No século 21,
A cada 23 minutos morre um jovem negro
E você é negro que nem eu, pretinho, ó
Não ficaria preocupado?

Para entender essa questão, precisaremos retornar alguns séculos, nos quais iremos compreender como se deu a formação do país. Pois, é sabido, que o Brasil teve em seu período colonial a escravidão, que durante quase 500 anos manteve a população negra em uma condição de desumanização extrema e quando, em 1888 foi assinado o documento que abolia a escravidão no país, a população negra ganha sua liberdade, porém não obteve nenhuma ajuda dos poderes públicos. Devido a essa falta de subsídio e devido à implantação de políticas públicas, que tinham por intenção a higienização dos centros urbanos, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, a população negra se vê obrigada, no início do século XIX, a procurar outros lugares que serviram como moradias. A partir desse ponto, surgem os primeiros morros, dando início às primeiras áreas periféricas do país. Outros tantos acabaram virando moradores de rua.

É extremamente coerente a ideia trazida por Rock, integrante do grupo Racionais mc's, quando ele cita que: ... "Me ver pobre, preso ou morto já é cultural, histórias, registros e escritos não é conto, nem fábula, lenda ou mito"..., demonstrando como foi e é sombria a vivência da pessoa negra dentro da sociedade brasileira. Sendo válido ressaltar que, além de todo o processo escravocrata, a população negra foi exposta ao racismo científico, com a eugenia que, no país, foi implantada como uma forma de projeto político e colocava o corpo negro em total posição de inferioridade. Além de tentar embranquecer o Brasil, houve também a tentativa de extinguir a população negra de todo território. Segundo essa política, a ideia era não ter mais negros no país em aproximadamente 100 anos. Existiram ainda leis que proibiam tantas as manifestações religiosas de matriz africana quanto o acesso à educação.

"Entre a Constituição de 1824 e a de 1891 perdurou um sistema escolar que reservava aulas domiciliares aos ricos; escolas públicas aos pobres e livres nascidos no Brasil, ou cursos em seminários católicos, para poucos. Nascidos na África não tinham direito a frequentar esses espaços. No Rio de Janeiro, por exemplo, proibia-se ir à escola os que tivessem doença contagiosa e os negros, "ainda que libertos". (PEREIRA, Nizan, 2014)

A população negra é mais uma vez subjugada a uma condição de dependência e vulnerabilidade, tudo isso atrelado à implantação do que se denomina por "racismo cordial", que cria no país a ideia de uma democracia racial, o que leva a população atual a acreditar que, no país, não há diferença de tratamento e todas as pessoas possuem as mesmas oportunidades.

O Racismo Cordial e suas consequências para a população negra

A partir da década de 1980, com a atuação cada vez mais intensa dos movimentos negros no Brasil, começou-se a criticar a concepção de “democracia racial” sobre a qual se apoiava a identidade nacional fomentada por projetos governamentais. A crítica da democracia racial se fazia no sentido de dizer que se trata de um mito: o mito da democracia racial.

“a heterogeneidade da população brasileira sempre foi uma questão problemática para as elites euro-descendentes brasileiras que viam nessa conformação um perigo para as pretensões de se formar aqui uma nação civilizada.” (RESTIER, Henrique, 2019, p. 26)

Esse é um grande exemplo de racismo cordial, uma vez que, a todo momento, a ideia de miscigenação era apresentada como algo positivo, escondendo a real intenção do projeto de eugenia ocorrido no país. Esse projeto foi apoiado por diversas figuras públicas, entre elas políticos, cientistas e escritores de grande influência no país do século XX, o que facilitava a disseminação da ideologia que pautava o ser negro como algo negativo. Além dessa questão envolvendo a miscigenação, esse modelo de racismo científico se apresenta praticamente em todos os âmbitos da sociedade, colocando sempre a população negra em dúvida, seja na sua capacidade intelectual ou de trabalho, seja na sua índole.

A longo prazo, a ideia de racismo cordial não extinguiu os negros como era planejado, mas com todos os percalços, colocou a comunidade negra em uma condição de adoecimento e vulnerabilidade dentro do meio social em que vivem, pois além de ocuparem os maiores índices de pobreza dentro da sociedade brasileira - cerca de 70% se encontram nessa situação - há também diversas repressões estatais e de seus representantes, fora a glamourização que é feita da favela em espaços como o *Rock In Rio* que, na edição deste ano, teve até barulhos de helicóptero, devido aos sobrevoos que as aeronaves davam sobre as casas, efetuando disparos em horário de grande movimentação dentro dessas áreas.

Essas repressões afetam em maior parte os jovens que, cada vez mais, estão cometendo suicídio, assunto que vem sendo bastante tratado pelos rappers na atualidade. Diogo Moncorvo, o Baco, como é popularmente conhecido, lançou em 2017 seu álbum de estreia denominado *Esú*. Nesse álbum, o artista com a música nomeada “em tu mira”, explicita suas dores.

O álcool está me matando
Minha raiva está me matando
Sua expectativa em mim está me matando
[...]
Fiz um pedido de socorro
Você está aplaudindo
Eu tô me matando p*

Moncorvo coloca em pauta uma questão que passa sempre despercebida, principalmente entre os homens negros, grupo que compõe as maiores estatísticas de suicídio dentro da população brasileira, demonstrando a grande problemática que envolve a sociedade como um todo, na qual a grande maioria da população nega suas atitudes racistas e não observam como suas práticas diárias são prejudiciais aos indivíduos negros do país. Sendo um assunto que deve ser ainda muito mais debatido, uma vez que houve um aumento bastante significativo nos últimos anos, e um assunto que é de saúde pública, é urgente e necessário que ganhe mais espaço dentro da sociedade, garantindo uma maior conscientização por parte da população. Segundo dados:

“No Brasil, a cada dez jovens que se suicidaram em 2016 (o ano mais recente da pesquisa), seis eram negros. [...] [O] Ministério da Saúde e da Universidade de Brasília, [...] concluiu [que]: “O racismo causa impactos danosos que afetam significativamente os níveis psicológicos e psicossociais de qualquer pessoa e podem levar a diversas consequências, inclusive às práticas de suicídio”. (ROGERO, Tiago, 2019.)

Uma pesquisa do Datafolha realizada em 1995 demonstra que 85% das pessoas entrevistadas admitiram haver racismo no país, porém apenas 10% admitiam ser racistas. Essa pesquisa é o cerne que

compõe o pensamento e as atitudes do(a) brasileiro(a), pois a prática de racismo hoje é crime, porém no país, quando se nega tal atitude ou atitudes, ele simplesmente deixa de existir e uma outra face da cordialidade, a da impunidade, é trazida à tona, pois na lei o racismo é crime, mas na prática ele ocorre diariamente sem nenhum tipo de punição.

Vidas Negras Importam: Por Que Corpos Negros Precisam Suplicar Por Direitos Básicos?

A abordagem elenca o nome dado pelos negros norte-americanos ao movimento por eles criado: o *Black Lives Matter*, com o intuito de reivindicar o direito pela vida e segurança. E esse fato chega a ser emblemático, pois como se sabe, esses são direitos básicos e universais que deveriam ser destinados a todos os indivíduos, mas o que se observa é totalmente o contrário, e nos versos de Mano Brown, em “Negro Drama”, podemos observar isso.

Ei bacana, quem te fez tão bom assim?
O que cê deu,
O que cê faz,
O que cê fez por mim?
Eu recebi seu ticket,
Quer dizer kit
De esgoto a céu aberto e parede madeirite
De vergonha eu não morri,
to firmão, eis-me aqui

Aqui pode-se observar que a população negra tem constantemente os seus direitos violados, a começar pelos mais básicos, uma vez que como já apresentado neste trabalho, não foi dado nenhum subsídio aos negros e negras para sobreviverem após o período da escravidão. Durante o século XIX, muitas políticas públicas foram criadas e uma delas, a de higienização urbana, forçou a população negra a abandonar o centro urbano, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, e se alocar nos morros e regiões periféricas. Surge a primeira favela, hoje denominada por Morro da Providência.

É importante ressaltar esses acontecimentos, pois é a partir daqui que se dá toda a problemática, uma vez que, toda essa violência promovida durante vários séculos, trouxe consequências e nenhuma delas foi positiva.

Temos o Brasil ocupando o posto de segundo país mais perigoso da América Latina, segundo o site da revista Carta Capital. Em pesquisa feita neste ano, o país tem uma taxa de homicídio de 30,5% a cada 100 mil habitantes. Cerca de 1,2 milhão de pessoas morreram no país entre os anos de 1991 e 2017 e, nesse mesmo ano, houve recorde de homicídios no país, principalmente sobre a população negra. Em reportagem da revista exame:

“A violência no Brasil também tem um forte componente racial. Em 2017, três em cada quatro homicídios no Brasil foram de pessoas negras. A taxa de homicídios nessa população foi de 43,1% a cada 100 mil pessoas contra 16% entre os não negros.” (CERIONI, Clara, 2019)

Essas pesquisas trazem como um dos maiores fatores o envolvimento com tráfico de drogas e todos sabem como costuma terminar a história de pessoas que seguiram esse caminho. Porém, como dito anteriormente, há uma enorme negligência da sociedade em relação à população negra do país e, na maioria das vezes, os indivíduos seguem por esses caminhos devido à necessidade, seja para pagar o tratamento de uma filha, como é o caso do traficante conhecido como Nem da Rocinha, ou para pagar a faculdade de um filho, como é o caso de Joel Luiz da Costa, o qual, seu pai tinha por objetivo: (...) “criar e possibilitar aos seus filhos oportunidades de estudo e trabalho que, seguindo as regras “lícitas” do jogo do excludente sistema capitalista, beiram o impossível para um preto pobre da favela”. (LUIZ COSTA, Joel, 2019)

Esses dois exemplos, demonstram claramente como se dá o tratamento em relação aos(as) negros(as) no país, uma vez que, até o fim da ditadura militar, em 1985, a eugenia era fortemente perpetuada no Brasil e os resquícios são encontrados até hoje.

Existe uma política de extermínio no país, e políticas “higienizadoras” ainda estão constantemente sendo aplicadas. Essas políticas se utilizam das forças militarizadas estatais, principalmente da polícia, para reprimir corpos negros e, existe junto a isso, a política de guerra às drogas, com o intuito de promover um encarceramento em massa da população negra brasileira, sobretudo os jovens negros.

Como acontecia ao longo do século XX com os hospícios, os presídios também servem como uma forma de “limpar” os centros urbanos. O que cada vez se torna mais evidente é que o racismo se legitima no país de tantas formas que sua naturalização é perpetuada e a cor da pele se torna um antecedente criminal, ou seja, mesmo não cometendo nenhum delito, a pessoa negra na sociedade é vista como ameaça constante e, caso chegue a cometer alguma ilicitude, ninguém se espanta, pois seu antecedente demonstra que ela sempre tendeu para a margem da lei.

Os gêneros Negros: Igualdade, Sexismo ou Opressão?

Quando se pauta um assunto sobre gêneros dentro de qualquer sociedade, é sempre importante fazer alguns recortes, pois como se sabe, é a população branca que ocupa os espaços de privilégios dentro de um meio social. É importante fazer essa colocação, pois a comunidade negra está alocada em uma esfera social que, em hipótese alguma, deve ser colocada, pelo menos até o momento, em igualdade as pessoas brancas.

Dito isso, começaremos a traçar uma base de raciocínio que analisará como se dá a relação dentro da comunidade negra. Como já mencionado, o corpo negro apresenta diversas peculiaridades que o colocam em diferença em relação aos corpos brancos. No país, a construção social fez com que o homem negro ocupasse na sociedade um local de total desprivilegio, porém por ser homem e viver em uma sociedade sexista, consegue tirar certo proveito em algumas situações; já a mulher negra, ocupa uma posição muito mais desprivilegiada, além das pessoas lgbtq+ negras que, dentro dessas nuances, ficam em posições ainda mais problemáticas dentro da sociedade.

Algumas sociedades africanas eram formadas e pautadas no matriarcalismo e, segundo Angela Davis, esse tipo de relação estava muito presente nas famílias que eram constituídas pelas pessoas escravizadas durante o período da escravidão. A autora diz que:

(...) “No infinito anseio de prover as necessidades de homens e crianças ao seu redor[...], ela [a mulher negra] realizava o único trabalho da comunidade escrava que não podia ser direta ou indiretamente reivindicado pelo opressor. [...] O trabalho doméstico era o único trabalho significativo para a comunidade escrava como um todo. [...] foi justamente no meio dessa labuta - [...] que a mulher negra escravizada conseguiu preparar o alicerce de certo grau de autonomia, tanto para ela como para os homens [e] mesmo submetida a um tipo único de opressão por ser mulher, era levada a ocupar um lugar central na comunidade escrava. Ela era, assim, essencial à sobrevivência da comunidade.” (DAVIS, Angela, 2016, p.28)

Não existia até então a noção de hierarquia dentro da comunidade negra, pois a sociedade funcionava de uma única maneira: na busca pela emancipação.

No período pós-abolicionista, essas questões foram de certa forma alteradas. O homem negro passa a reproduzir costumes que o colocam em posição de opressor sobre as mulheres negras, pois exercem o abandono parental e promovem, assim como os homens brancos, o preterimento desses corpos femininos. E por que isso acontece? Para Franz Fanon, essa negação de si próprio e de sua semelhante se dá pois: (...) da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco. (...) (FANON, Frantz, 2008, p. 69), isto é, a ideologia do branqueamento, levando as pessoas negras a negar as suas origens étnico-raciais.

O autor em questão utiliza esse modelo de pensamento para tratar sobre a ideia de relacionamento inter-racial, porém a ideia passada pode ser inserida em outro contexto, uma vez que, em sociedade, o homem negro não é visto como um ser humano e, ao se assemelhar ao homem branco, se vê exposto a uma oportunidade de ser aceito e humanizado, uma vez que, o meio em que vive, deixa-o de fora do contexto formulado sobre sociedade e, devido ao racismo existente, o homem negro perde a possibilidade de se desenvolver e demonstrar todas as suas capacidades, pois é reduzido a um corpo estereotipado que não pensa e só toma atitudes se baseando pela irracionalidade que o compõe como indivíduo peculiar.

A mulher negra também é pautada como não humana e, devido a várias questões, sofre com a solidão que ultrapassa a ideia de laços afetivos. Além de apresentar muitas outras peculiaridades, a mulher negra se encontra em uma posição dentro da sociedade que a coloca em posição constante de desprivilégio e, a partir desse fato, lutam para demonstrar que a raiz do problema ultrapassa as diferenças de gênero, conseguindo inserir na discussão a questão de raça e classe social. Aqui é que as mulheres negras começaram a ganhar voz dentro dos movimentos feministas e negro, trazendo, como demonstra Sueli Carneiro, o enegrecimento do feminismo que tinha por interesse (...) revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais (CARNEIRO, Sueli, 2003, p.117).

A partir dessa perspectiva, as mulheres negras querem demonstrar como o racismo e o sexismo agem em sociedade, trazendo peculiaridades que não podem e não devem ser ignoradas, uma vez que, há uma noção de inferioridade que cria uma certa "hierarquia racial" e as mulheres começam a colocar essa questão em pauta.

Quando Mano Brown cita na música "Negro Drama" o verso "família brasileira, dois contra o mundo, mãe solteira de um promissor vagabundo", podemos fazer algumas observações: a composição familiar que, de certa forma faz parte do cotidiano das pessoas negras dentro das periferias do país, em que, a mãe é abandonada pelo companheiro ou até mesmo antes de criar algum laço afetivo e, como é demonstrado por Carneiro, em sua obra denominada "Mulheres em Movimento", a mulher negra é abandonada e se vê em uma situação na qual precisa cuidar de sua criança e por ela irá fazer de tudo. Porém não tem muito o que oferecer a não ser a situação em que ela se encontra, a de miséria, uma vez que, além de passar por todas as dificuldades com relação a trabalho, violência obstétrica, a rejeição social e a falta de maior afeto, essa mulher se vê abandonada mais uma vez pelo indivíduo a quem ela sempre defendeu. Cabe ressaltar aqui que, mais rápido do que nunca, deve-se começar a alterar o estigma que se coloca sobre a mulher negra com relação a ela ser forte e que também é dada aos corpos negro em todas as suas generalidades, pois por mais que ela agente todas os percalços pelos quais passa, suas peculiaridades fazem com que esses corpos necessitem de mais atenção, principalmente por parte de seus semelhantes.

O Auto Ódio e a Exteriorização da Dor

Quando se coloca a questão da estética em pauta, há uma ridicularização muito grande sobre os corpos negros e, até os anos 1950, existiam zoológicos que colocavam negros e índios como atração. Fora isso, as ilustrações sempre traziam os fenótipos negros de forma exagerada, servindo como mais uma forma de desvalorização dos corpos negros. Um caso que chega a ser chocante é o de Sarah Baartman, mulher que foi exposta em um circo durante anos, devido ao tamanho de seus glúteos. Após sua morte precoce, aos 26 anos de idade, teve alguns de seus órgãos expostos em um museu Francês até o ano de 1974.

A história de Baartman demonstra de forma clara a ideia que permeia o imaginário das pessoas com relação aos negros e negras. Vale ressaltar novamente que houve estudos científicos para comprovar certas teorias criadas sobre a população negra na época e a mulher citada anteriormente, passou pelo que foi denominado por um: estudo de raça que a colocava em uma condição vista como bizarra dentro da sociedade e seus traços eram ridicularizados, servindo como forma de entretenimento, a colocando em uma posição que, retirava totalmente a sua condição humana Essa desumanização é extremamente prejudicial, pois faz com que a pessoa negra se odeie como tal e a questão da aceitação é extremamente complicada dentro desse contexto. Pois todo fenótipo negro é tido como feio e a sociedade faz com que, o próprio negro pense isso sobre seu corpo. E foi a partir dessa perspectiva que surge a questão do empoderamento feminino. Rappers como Negra Li transpassam essa ideia em algumas de suas músicas.

Nem todo mundo quer te ver sorrir
Nem todo dia o céu é azul
Você pode até não controlar a previsão do
Tempo, mas ainda dá tempo de ser Maju
De ser sul como a América do sul
Diva como Erykah Badu
Líder como Winnie Mandela
Quem manda é ela
Viemos pra quebrar tabu

A letra traz em sua composição nomes de mulheres negras que obtiveram êxito dentro da sociedade brasileira e servem como referência para que outras mulheres possam se inspirar e seguir o mesmo caminho. Essa questão é muito importante, pois as mulheres negras, até então, não tinham em quem se espelhar a não ser em uma figura branca que, em nada se assemelha com ela mesma, e essa falta de referência é extremamente prejudicial para a criação de sua personalidade e identidade dentro da sociedade.

Assim como as mulheres negras, os homens negros sofrem constantemente com essa questão de identidade, pois na maioria das vezes falta uma figura na qual ele possam se assemelhar. Cabe ressaltar que a questão de gênero é muito plural e através dessas nuances que permeiam a vivência de pessoas negras, há uma dificuldade de demonstrar algum tipo de sentimento e concretizar uma identidade. No filme *Moonlight*, essas questões são debatidas em três etapas diferentes na vida de um personagem, o Shiron. A obra se passa na transição da infância para a vida adulta do personagem que foi respectivamente representado pelos artistas Alex Hibbert, Ashton Sanders, Trevante Rhodes que, ao longo dessa trajetória de vida proposta pelo autor da obra, demonstra o amadurecimento de Shiron, esse sendo composto por diversos percalços, desde a não aceitação de si e a falta de afetividade, coisa que fez com que ele desenvolvesse certa raiva e não conseguisse se sentir parte do meio ao qual ele fazia parte, pois era um homem gay que, a todo momento, era obrigado a performar uma masculinidade que faz igualmente mal aos homens heterossexuais e principalmente pra ele.

A partir de uma perspectiva semelhante, Lucas Veiga apresenta seus relatos como uma pessoa negra e gay vivendo no Brasil e traz algumas reflexões sobre a questão de uma masculinidade hegemônica que é vigente no modelo patriarcal do país.

A internalização da masculinidade branca pelos homens negros como tentativa de ser reconhecido como pessoa, como homem [...] comparece, por vezes, em comportamentos violentos para com aqueles do seu povo que questionam e se deslocam desse padrão heteronormativo. [...] “[o] movimento social negro acabou por produzir um certo masculinismo negro [...] que exclui a mulher, que exclui o homossexual” (PINHO, 2004, p.129).

Este masculinismo negro é tóxico tanto para os homens negros heterossexuais quanto mais para as mulheres e lgbs negros que, não bastasse o sofrimento com as limitações e violências produzidas no seio da sociedade supremacista branca em que vivemos, sofrem, também, por parte de pessoas do seu próprio povo [...] porque a diferença de gênero e a orientação sexual faz com que o homem negro hétero, às vezes, se sinta numa posição superior em relação à mulher e aos lgbs e, desta posição, reproduza violências que sofre enquanto um corpo negro no mundo sobre os corpos negros que trazem outras marcas inferiorizadas para além da negritude. (VEIGA, 2019, p. 82-83)

Veiga demonstra que a hegemonia de um gênero transmite para o contexto social uma grande problemática que envolve repressões e um agravamento da violência dentro de um contexto que é composto por diversas peculiaridades que colocam em risco a pluralidade dentro do coletivo. Pois, como apresenta o autor, existe uma “hierarquização” das dores e até uma legitimação da violência por conta desse fator, fazendo com que seja mais complicado haver uma identificação concreta dentro de um contexto geral com relação ao que é ser um corpo negro no Brasil. E além de tudo, existe também uma falta de compreensão dentro da comunidade, na qual os diálogos são suprimidos por atitudes agressivas, muitas vezes por parte dos homens, e o condicionamento por certas imposições sociais é colocado em evidência, demonstrando o quanto é prejudicial certas exigências dentro da sociedade e a busca por uma humanidade dentro do meio social.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tentou abordar questões que envolvem tensionamentos raciais que compõem o território brasileiro e, dentro dessa perspectiva, o rap foi objeto fundamental para compreender e apresentar a forma que foi encontrada para expor certas problemáticas que existem dentro do país e dentro da proposta que foi apresentada. A formulação do trabalho apresentou composições musicais e textuais que tratam sobre um assunto em comum: a comunidade negra do país que se forma a partir da diáspora como forma de

resistência dentro do continente e do país. Pois, como foi demonstrado, a partir da escravidão, o corpo negro foi desumanizado e tratado apenas como objeto de exploração, com as mulheres negras sofrendo uma maior repressão na tentativa de se desestabilizar a família escrava que era criada ao longo de toda opressão que era cometida pelos “senhores”. A partir desse período foi feita a abordagem que gira em torno da questão identitária negra no país, tratando das peculiaridades negras dentro de uma sociedade em que a hegemonia branca prevalece.

Como é ser homem, mulher e lgbtq+ negro(a) dentro da sociedade brasileira? Essa questão permeou em algumas partes do trabalho e ajudou a encontrar possíveis problemas com relação à origem da utilização da violência, principalmente por homens negros contra grupos de sua própria comunidade. Sem desumanizá-lo em nenhum momento e a partir dessa conclusão, se percebe que o presente trabalho superou expectativas, pois ao longo de sua elaboração muitas questões foram sendo colocadas de forma que todas elas se encaixam em algum ponto, ajudando a elaborar e concretizar as ideias propostas e abrindo espaços para se debater e observar a comunidade negra de forma diferente, seja pelo olhar do outro, seja pelo nosso próprio olhar. Com isso, a ideia é a de que precisamos nos observar a partir de nosso contexto dentro da sociedade e, a partir desse ponto, criar nossa identidade, pois antes de tudo, não importa o que pessoas negras fazem para serem reconhecidas ou prestigiadas. O que conta dentro do contexto social do Brasil é a cor da pele e como essa é uma forma de “marcador social”, o corpo negro já se encontra em desvantagem. Por esse motivo, este trabalho será utilizado como base para projetos futuros e mais estruturados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

RESTIER, Henrique e SOUZA, Rolf Malungo (orgs.). *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. *Rap e política: percepções da vida social brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2015.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. In: *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, dez/2003, pp. 117-133.

PERIÓDICOS

ROGERO, Tiago. Brasil: índice de suicídios entre jovens negros cresce; entre brancos, permanece estável. Jornal O GLOBO. Rio de Janeiro, 20/01/2019. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/brasil-indice-de-suicidios-entre-jovens-negros-cresce-entre-brancos-permanece-estavel.html>. Acesso em: 21/10/2019

MOURA, Gabriela. O nada negro: suicídio como consequência do racismo. Medium. 20/09/2019. Disponível em: https://medium.com/@metaforica_gabi/o-nada-negro-suicidio-como-consequencia-do-racismo-4598f5a59bb2 Acesso em: 18/11/2019

Taxa de homicídios no Brasil é cinco vezes maior que a média global. Carta Capital. 8 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/taxa-de-homicidios-no-brasil-e-cinco-vezes-maior-que-a-media-global/>. Acesso em: 29/10/2019

CERIONI, Clara. Brasil teve recorde de homicídios em 2017; negros são os mais afetados. EXAME. 5/5/2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-teve-recorde-de-homicidios-em-2017-negros-sao-os-mais-afetados/>. Acesso em: 30/09/2019

FERNANDES, José Carlos. "Por que negros foram excluídos do ensino nos períodos imperial e republicano?" Gazeta do Povo. Curitiba. 12/05/2014. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/por-que-negros-foram-excluidos-do-ensino-nos-periodos-imperial-e-republicano-96aaka56heq7qxjdcym17v7m6/>. Acesso em: 21/10/2019

ÁUDIO

BACO EXU DO BLUES. En tu mira. Bahia. Selo independente. 2017. 1 min 44 seg.

RACIONAIS. Negro Drama. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica CD: 2002. 6 min e 53 seg.

NEGRA LI. Mina. São Paulo: White Monkey Recordings: 2018. 3 min 34 seg.

AUDIOVISUAL

MOONLIGHT. Direção de Barry Jenkins. Estados Unidos: 2016. 110 min.